

O HERALDO

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR - LYSER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Anuncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS | Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador - Lyster Franco

A's mães portuguesas

Mães portuguesas!
Reparai na missão que vai caber
aos vossos filhos.

Atentai nos altos destinos para
que o vosso ventre foi fadado quando
a natureza lhe deu a incumbência de gerar estes novos soldados da Liberdade.

Eles vão bater-se na terra estranha,
mas de facto eles vão bater-se pela propria terra.

Eles vão ser, a distancia, os guardiões da Patria!

Eles vão ser os defensores antecipados do sólo natal.

Se eles não fossem, nós não podíamos aguentar a situação internacional que actualmente sustentamos e ficariamos para aqui abandonados e indefesos, sujeitos á fúria dos invasores.

Para os vossos filhos ainda continuarem a dormir sozegados no berço, é indispensável que os vossos filhos já homens vão para o campo da batalha, onde entre faixas dolorosas se estão criando um novo Direito e uma nova Justiça.

O que se passa hoje é de todos os tempos, mães lusitanas.

Antigamente os portugueses iam em galeras que as estrelas guiamavam buscar o ouro e o ébano, perolas de Malaca de Ceilão, ou simplesmente ás espadeadas, em Arsila e em Tanger, conquistadores ou fronteiros, afirmar poderios, manter privilégios.

Hoje, os portugueses, ainda de espada e de lança, já não vão em nau, com velas cortadas pela cruz e pela esfera, á busca de riquezas, de sonhos grandes e delirantes, que foram epopeias famosas e químicas.

Ah! Mas eles vão buscar uma riqueza maior, mais deslumbrante e mais augusta; vão buscar a garantia dos destinos da nossa raça, vão buscar um quinhão, que chega para nós, da liberdade dos povos, um pedaço, que nos seja bastante da autonomia das pátrias.

Mães portuguesas!

Beijai os vossos filhos; incuti-lhes animo, fé e coragem, e incitai-os a que vão batalhar por esta nossa patria,—

a mais formosa, e linda

Que ondas do mar e luz de luar viram ainda!

Antonio José de Almeida.

Dr. Constantino Cumano

Registou a imprensa de todo o Algarve, sem distinção de cores políticas, com palavras de justo apreço, a brillante estreia do novo advogado, sr. Constantino de Bivar Cumano, no tribunal desta comarca.

Compenetrados de que tais palavras de louvor representam apenas justiça feita aos méritos invulgares de estudo, aplicação e inteligência do jovem advogado, daqui o felicitamos calorosamente, comprimentando também seus extremos pais, sr. Constantino Cumano e D. Ana de Bivar Cumano, pela auspiciosa estreia do seu talentoso filho e nosso muito preso amigo.

Crónica citadina

SPORT E GENEROS

ALIMENTICIOS

Dois acontecimentos importantes marcando iniciativas apreciáveis e de largo alcance para a cidade, assinalaram a semana finda:

A inauguração do Club Sport Lisboa e Faro e a abertura da Cooperativa de consumo «A Previdente».

O primeiro, interessando directamente à cultura física, que tão amplos cuidados mereceu na antiguidade aos gregos e aos romanos e modernamente tanto interesse a todos os povos que querem triunfar na luta pela vida, veio provar-nos que, entre nos existem espíritos de verdadeiros esportistas como José Saraiva, Amílcar do Inso, Pedro Machado, Branco e Brito, Elias Sabath e Alfredo da Silva, os iniciadores de tão importante melhoramento.

A segunda, pretendendo facilitar a resolução do momento problema da carência da vida, prova-nos igualmente que também entre os nossos concidadãos, alguns existem que se preocupam dedicadamente, com os interesses colectivos.

Seria flagrante injustiça não citar o sr. Rodrigues Aragão como iniciador de tão útil empreendimento, que é digno dos maiores elogios.

Estes dois factos assinalaram a semana que foi chuvosa e triste, talvez pela ausência do sol e pela falta da electricidade que só ontem voltou a visitar-nos com a sua habitual inconstância...

LYSTER FRANCO

Futurismo

O incremento que entre nos vem tomando o «Futurismo», essa estranha escola literária que teve como pontífice máximo em Portugal o requintado espírito de Poeta que foi Mario de Sá Carneiro, e as constantes solicitações que de vários adeptos de tal escola nos têm sido dirigidas para que publiquemos no «Heraldo» algumas das suas composições futuristas, ao que aliás de muito bom grado já temos accedido, levam-nos a ampliar a nossa secção «Gente Nova» que fica desde hoje definitivamente consagrada aos futuristas.

VIDA POLITICA

31 de Janeiro

O Centro Republicano Democrático de Faro comemorou esta gloriosa data com uma sessão solene presidida pelo nosso preso amigo e prestimoso correligionário sr. João Barbosa. Além do presidente usaram da palavra os nossos correligionários srs. Areias, Andrade e Bastos Flavio, que foram muito aplaudidos.

Aos jornais foi fornecida uma nota a propósito das conferências patrióticas que vão realizar-se em todos os pontos do país e que devem começar na proxima semana.

Por essa nota se vê que o sr. dr. António Costa fará no Porto, Vizeu, Lamego, Guarda, Castelo Branco e Tomar; o sr. dr. António José d'Almeida, em Coimbra, Figueira da Foz, Beja e Faro; o sr. Norton de Matos, em Braga, Viana, Bragança e Guimarães, acompanhando-a Viana o sr. Sá Cardoso; o sr. Mesquita de Carvalho, na Vila Real; o sr. Fernandes Costa, a Leiria e Alcobaça; o sr. dr. Augusto Soares, a Aveiro; o sr. Antonio Maria da Silva, a Santarém; o sr. dr. Pedro Martins, a Portalegre, Elvas e Abrantes.

Em Lisboa ficam os srs. ministros do interior e da marinha.

Dos membros da comissão patriótica, o sr. Victorino Guimaraes acompanha o ministro do trabalho; o sr. Barbosa de Magalhães, o dos estrangeiros; o sr. Esteves de Vasconcelos, o da guerra; o sr.

Abilio Margal, o das finanças; o sr. António Macieira, o das colônias.

O sr. dr. Alexandre Braga falará em Setubal.

Os srs. João Soares, Americo Olavo e Domingos Pereira irão a diversos pontos da província do Algarve.

Os parlamentares evolucionistas e democráticos acompanharão os ministros nos seus respectivos círculos.

Club Sport Lisboa e Faro

Cumprindo-se integralmente o programa anuencial, realizou-se no dia 31 de Janeiro a festa inaugural deste importante Club, sendo muito apreciado em todos os seus números que decorreram com o maior entusiasmo.

O desafio de Foot-Ball, que foi muito disputado, foi ganho pelo 2.º team do Sport Lisboa e Benfica, de Lisboa.

Houve grande concorrência.

«A Previdente»

Abriu no dia 1.º de Janeiro, e ta Cooperativa, havendo grande concorrência de associados e registando-se muitos fornecimentos.

Nestes últimos dias tem havido grande procura de ações, o que prova o bom acolhimento que justamente vai sendo dispensado a tão importante iniciativa.

Festa de caridade

O espetáculo de amadores promovido por uma comissão de senhoras e cavalheiros desta cidade, a favor do Sanatório para Encarregados ferroviários tuberculosos, em S. de Alportel, deve realizar-se num dos últimos dias do corrente mês.

Como já dissemos, o festival constará de uma conferência pelo sr. dr. João Lucio, da representação da comédia «Peraitas e Seias», do sr. Marcelino Mesquita e de córulos regidos pelo maestro sr. Rebeiro Neves que dirigirá a orquestra que numa noite se faz ouvir.

A Direcção do Cine Teatro marcou o próximo dia 10 como limite para a requisição de bilhetes para este espetáculo, pelos srs. assignantes. Findo este prazo a Comissão promotora iniciará a venda.

Contra Afonso XIII

Estão confirmados os boatos que anunciam que mão criminosa colocou uma viga de ferro através dos «rails» à passagem do comboio real, proximo de Gramado. Felizmente a catástrofe foi evitada.

A GUERRA

Sobre as trincheiras

Segundo lemos no nosso colega «A República» os bravos aviadores portugueses já fizeram os seus vôos sobre as trincheiras alemãs.

Bravos portugueses que, com tão grande heroísmo, sabem honrar o nome de Portugal. Com orgulho registamos este feito dos nossos bravos compatriotas.

As andorinhas

Segundo amavel comunicado do nosso preso amigo sr. Antonio Santos, digno enfermeiro do Hospital, sabemos terem chegado a esta cidade as primeiras andorinhas que passaram ontém a sua primeira noite numa das cornijas daquele edifício. Sejam benvidas!

Pela cidade

Houve uma cena de pugilato entre o distinto clínico, o nosso preso amigo e correligionário sr. dr. João da Silva Nobre e Filipe Alvarez, médico indio, autor de um artigo que aquele nosso amigo parecia desprazioso e atentatório da sua dignidade profissional.

O sr. dr. Silva Nobre, que conta nesta cidade inúmeras simpatias, tem sido muito felicitado pela sua energica atitude.

Foram proibidos os devaneamentos carnavalescos.

Album de Portugal

O sr. Eurico Ortigão, digno Delegado em Faro, da importante Companhia de Seguros «Atlânticas», teve a amabilidade de nos oferecer um exemplar do Album de Portugal, brinde da Companhia de Seguros «Atlânticas» relativo a 1917.

Trata-se de uma edição primorosa ilustrada com esplendidas similigravuras de Marques Abreu feitas sobre artísticas fotografias de D. Alão. A composição e a impressão pela nitidez e gosto artístico, honram a indústria nacional. O texto, sob a direcção do sr. Paulino de Oliveira, insere importantes referencias relativas aos clientes da

«Atlânticas» e são outros valiosos documentos atestando a importância e o crédito de que goza esta importante Companhia de Seguros, que tem filiais nas principais cidades da Europa e cuja sede é no Porto, Rua dos Loios, 92. Agradecemos muito, penhorados, ao sr. Eurico Ortigão a sua valiosa oferta.

Escrevem-nos os nossos presos correligionários de Santa Barbara de Nexe, extranhando que ainda não se tenham cumprido as promessas das estâncias superiores relativas à criação do giro rural que há muito solicitam. E é verdade, o facto é bem estranho!

O POETA JOÃO PENHA

Foi muito bem acolhida em todo o país a decisão do Parlamento, concedendo, sob proposta do nosso preso preso correligionário e ilustre deputado sr. dr. Jaime Cortezão, secundada pelos srs. Domingos Pereira, Joaquim José de Oliveira, Eduardo de Sousa, João Carlos de Melo Barreto e Vasco de Vasconcelos, a pensão vitalícia anual, de 480 escudos livres de encargos, ao ilustre poeta João Penha, figura prestigiosa da literatura patria, que se debate nos horrores da miséria agora que o inverno da veltice mais lhe faz cair recer o conforto de uma modesta mediação.

No Senado, onde também obteve aprovação, foi a proposta apresentada pelo nosso ilustre correligionário sr. dr. Este van de Vasconcelos.

Amigos dedicados e solícitos admiradores do ilustre Poeta tem acorrido a levá-lo o testemunho da sua amizade e a recatada oferenda do seu óbulo.

Houve um anônimo, A. da C., que comprou por 50 estudos um dos 25 exemplares do livro de João Penha «Por montes e vales», oferecidos a ilustre redacção do «Diário de Notícias» para serem vendidos em beneficio do glorioso velho, e o nosso conterraneo, sr. Marcos Algarve, de Portimão, dirigiu aquelle jornal uma sensível carta, vibrando em dôr, acompanhada de 10 escudos, destinados ao genial bardo das «Rimas».

Acções destas honram sobremaneira os que as praticam e são consoladora esperança para aqueles que, sem fortuna e apenas á custa de minguados proveitos, labutam nessa faina ingloria de escrever para um povo de analfabetos ou de intelectuais avariados.

A propósito da justa homenagem prestada ao glorioso Poeta, iniciamos hoje a transcrição do celebre artigo de Gonçalves Crespo ácerca do autor ilustre de tantas obras primas, —artigo que é já hoje uma verdadeira curiosidade bibliográfica e que a nossa incipiente veneração pelos Poetas da nossa terra nos fez enternecidamente recordar, há muitos anos, de uma publicação cheia de gravuras que constituía nosso brinquedo infantil.

Damo-lo na integra para lhe tirarmos do seu valor exelso e intacto lhe conservámos o grande perfume de Arte de que o deixou impregnado esse outro espírito gentilíssimo de Poeta que foi Gonçalves Crespo.

Eis o artigo:

As nossas leitoras de Braga conhecem, decerto, João Penha, ao menos de vista. Mas as de Lisboa, por exemplo, não o conhecem com certeza, porque João Penha, que é um grande poeta e por isso mesmo um grande excepcional, nunca pôs os pés na capital!

De Braga, de onde é natural, foi para Coimbra formar-se (1868-1873), e de Coimbra, formado, desandou outravés para Braga, onde advogou e de onde só sai uma vez por ano, para chegar à Póvoa a tomar uns banhos. Isso é o que ele diz... Mas à Póvoa vai ele todos os anos mais por uma higiene da alma, para ver caras bonitas de mulheres e a paisagem da Vila do Conde, do que para cuidar do corpo. Temos dele algumas cartas, escritas de lá, que não deixam dúvida a tal respeito...

Pois é de João Penha que lhes vai hoje falar outro poeta: Gonçalves Crespo; —se bem que para dizer «alguma coisa» desse grande poeta e desse grande boêmio, que deixou lenda em Coimbra, onde foi, durante 5 anos, o director espiritual da sua geração e o mais assiduo frequentador da tavernaria da tia Maria Camela, seria preciso

que não começaram pelo verso, a não ser que escondessem cautelosamente a longa orelha bestial do vulgo as estrofes que outrora perpetravam em horas de enlevo e de mocidade. E' talvez desta pequena particularidade, de os escritores que hoje mais deslumbram e deliciam a curiosidade portuguesa, não terem começado pelo verso, que o não quer dizer que ainda não haja quem se aventre a passear pelos esquemas da moderna cidade, sem receio que o expulsem segundo as prescrições do Platão.

No numero dos que temem ainda pela poesia um culto extremoso e desinteressado, sobressai com vivo relevo a figura original de João.

II

O retrato que a «Renascença» nos dá, representa o poeta, quando académico ainda, envolto na sua travessa capa de estudante, o cabelo aos ventos, o olhar intrepido, o monólogo, o lendário monólogo ao canto do olho esquerdo, monólogo que era uma parte integrante da expressão do seu rosto, e

que o poeta não abandonava nem quando dormia. E assim que ele está na memória de todos os que o amaram, que conviveram com ele, que discutiram com ele, e que nas alegres e famosas ceias lhe aplaudiam os ditos, os repentes, os improvisos, tão cheios de sal, de espontaneidade, e que não faziam carência para excitar o riso da galeria.

Para se conhecer o poeta devemos avaliar, descrever o homem, estudar a sua vida, e o meio em que ele viveu, vida e meio que deixaram em tudo o que o poeta produziu um vestígio, imorredouro e profundo.

João Penha quando foi para Coimbra era um mocinho timido e mimoso. Reinava de saforradamente o costume da troça académica: caloiro que fosse apanhado à boca da noite sem ser desidiosamente protegido pelo veterano, era espancado, quando resistisse, e mostrasse prosopas de pimpão, e quando se submetesse, cortavam-lhe então com magnanimitade a cabeleira, e inchavam-lhe as mãos com rijas palmatóadas.

A noite à hora da ceia, ouvia João Penha contar estes e outros casos inauditos e assombrosos para quem sai da sua pacata cidade natal, e se vê de repente em paiz de barbares façanudos.

Não podia sair, não podia sózinho e livremente pelo vale de Coselhas, subir ao Penedo da Saudade, perder-se pelos becos e encravilhadas antigas da cidade baixa, mas o que ninguém lhe podia estorvar era a consoladora leitura dos bons livros, e era nisto que ele despendia a maior parte dos primeiros anos da sua estada em Coimbra.

Não, não era nos livros substanciosos do sr. Bernardino Carneiro, nem nas ponderosas páginas dos compendios do sr. Manso Preto, que ele levava as horas aproveitáveis da noite, o que o encantava era a rádio, a leitura dos poemas de Hugo, de Biron e de Musset, a cativante *Comédia Humana* de Balzac, a história feudal de Inglaterra e Escóssia vista através da opulenta imaginação de Walter-Scott, a galeria atraente e fascinadora do segundo e prodigioso papá Dumas, o *Orlando furioso* do Ariosto, a trilogia titanica de Dante, e o deslumbrante, colossal e monstruoso teatro de Shakespeare.

Do receio ás trocas resultou para João Penha o fecar com algumas ideias preciosas a respeito do pensamento humano, do seu progresso e da sua influencia, e o ser adiado em alguns preparatórios pelo sr. Dr. Victorino, conselheiro-cidadão, (como respeitosa e comicamente chamava-ha dias um periódico republicano de Coimbra) ao respeitável e anafado ex-cruzeiro e por quejados varões do conspicuo valor científico e literário.

Todas as coisas boas tem fim; João Penha deixou de ter medo ás trocas, e pouco a pouco foi adquirindo celebidade pela viveza das réplicas, pelo feito cínico dos ditos, e mais que tudo pela extravagância do seu viver, e pela fortaleza dimantins do seu estomago.

Naquele tempo os estudantes levavam em Coimbra uma vida tempestuosa e dissipada; Coimbra era a amplificação hilariante do celebre quadro de Velasques *Os bacanos*; a aventura entrelaçava-se á comedia, o amor á orgia; havia exuberância de forças e de mocidade e era preciso empregá-la fosse em que fosse. Este marinava nos elevadíssimos arcos do Jardim, chegava a um altar onde a devoção coloca um missérissimo S. Sebastião, arrancava as sétas do corpo ensanguentado do Martírio e escrevia por baixo da imagem: *Basta de sofrimento!* Outro descia á cidade sósinho, desarmava a ronda dos solenes vertuais, e desancava com a limpeza dum possante varredor de feira miúcha a multidão dos furticos, que fugiam espavoridos e em alto berreiro.

Havia revoltas contra os lentes, tramavam-se conspirações nas lojas maçónicas, escreviam-se panfletos, odos, ditirampos, poemas; nos cencios discutia-se, com vozes violentas, na escuridão dos quartos, a respeito de Hegel, Spinoza e Kant; bebia-se como Marco Antonio, comia-se como Vítor; e quem passasse, à noite, na rua onde morava Antero de Quental, era quasi sempre interpelado pelo poeta das *Odes modernas*, o qual, a cavalo, no peitoril da janela, as pernas bambaileantes, o gesto largo e profético, os sensos revoltosos cabelos de escaudilhava palpitando á viragem nocturna, perguntava estas e outras coisas cabalísticas:

— Sabes quem era Manu? Tens alguma ideia do Inimigo? Deus será de facto o imenso mar da substancia?

Os transeuntes ouviam aquelas vozes, e, pasmados, faziam o sinal da cruz!

João Penha pela sua graça, pela espontânea vivacidade do seu espírito, apesar de caloiro, entrou a ser admitido nos corbilludos dos académicos, e ai os veteranos lhe aprovavam-lhe as mordentes facécias, como o sultão tolera os insultos e as ironias dos derviches.

Os graves doutores na arte dicendi et canandi, vendo que esse caloiro era de feridas, permitiram-lhe que passeasse por onde quisesse, que jogasse o bicho onde lhe aprovasse, e que bebesse onde minhinhava o quadrilhe.

Houve palavras de azedume:

— É uma liberdade que nunca se via!

Acabaram-se as prerrogativas!

— Um caloiro!

FUTURISMO

GENTE NOVA

Mais a Ti

Esquei-me Dói, fui de mim,
Já não me sinto em lux vibrante;
Só tenho o sono delirante
Que me endividou de jasmim.

E vou à noite, vagamente,
Alma em saudade, chilando o céu,
Buscando nela esse outro Eu
Que me vibrou tão tristemente.

Mas não me encontro no meu sono—
— E' por mim só que me deliro—
E mesmo em dor eu não retiro
O que vivi, vago e tristono!

Só por mim próprio me difundo,
Acho-me louco de ilusão

E num quadrante de perdição

Quero oscilar-me noutro mundo.

(Vejo-a dançando endoidecida,

Mordendo ancião os meus uíais,
Que em lhe lanci em tons irreatis,
Na sua mão amortecida.

As suas mãos são a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,

Palpando a dor do meu sentir,

E numa ansia: de Partir,

Sinto tortura só por mim.

Quero ser só: a saudade

Daquele sonho que fugiu;

Que me vibrou... que me serrou...

E me viveu numa anécdota!

E a avançar em dor incerta

Eu não me curvo ao meu desdém—

Vibro-me só, ven mais além;

singularisara-se bastante pelo seu procedimento quasi leviano...

— Eram os pródromos da insanía? ...

— Decerto. Ele que, outrora nem ouvia fitar as mulheres, olhava-as agora, a todas indistintamente, curioso, ávido, como que ansioso descobrir-lhes novos atrativos, novos ritmos de beleza...

Palidas, louras, morenas, todas prenham o seu olhar investigador, mas o gesto era repentina—dir-se-ia um olhar relâmpago. Fitava-as um instante e, por muito lindas, por formosissimas que fossem, desvia logo delas os seus olhos indiferentes, tolhidos em deceção, cheios de tédio!

Depois, a sua vesania recrudescerá.

Relacionou-se com os médicos e passou a frequentar os amfiteatros de medicina, as salas de autopsias, a Morgue... Onde houvesse um cadáver de mulher, de olhos vitrificados no espasmo agonizante da morte, ele ali estava a fixá-lo com avidez, mas sempre rapidamente, febrilmente...

E se as palpebras, já fróxas, haviam descido, velando os globulos oculares, os seus dedos finos, ligeiramente tremulos, mais de uma vez erguiam aquelas pequeninas cortinas de carne morta para que os seus olhos se absorvessem um momento na fixidez espasmódica da morte...

Depois, o delírio acelerou-se. Vieram as crises furiosas, os prantos e os risos desordenados, a paralisia... as visões...

Dizia-se rodeado de olhos feminis, de todas as cores e de todas as expressões, envolvendo-o em toda a sua magia, em todo o seu encanto, mas, — afirmava-, nenhuns daqueles olhares o satisfaziam, apesar de vivos, scintillantes, ardentes de paixão!... E que não havia em nenhum deles a sombra do seu ideal...

— Eureka! — exclamei eu. — Adivinhei o enigma! Acabo de recordar, agora mesmo, uns versos do inditoso poeta, que são, por assim dizer, a chave mestra que vai abrir-nos o portico do sagrado mistério em que deligenciou refugiar-se aquela alma torturada...

Todos me ficsaram com uma curiosidade máxima e eu, revendo num instante todo o passado, conclui, assim, a minha audaciosa afirmativa:

O meu pobre amigo abraçou-se em amor por uma deliciosa quimera, pela mais linda ficção que floresceu no seu espírito doente...

Morreu apaixonado pela Linda Senhora dos olhos mortos, divindade extra-humana nascida dos labores ardentes da sua imaginação de artista, imagem de sonho constantemente invocada nos seus nubulosos poemas, flor maravilhosa criada no terreno feracíssimo das reflexões místicas que dominavam o seu espírito e que por ter apenas uma vida irreal e fantástica e por ser Encanto e Sonho de sonhos, o triste jamais conseguiu descobrir nas ondas deste mar de aborrecimento e de infelicidade chamado existência!...

Todos pareceram concordar e nos lindos olhos de Madame Raquel pairou uma indefinível e instantânea expressão de maguada tristeza...

LYSTER FRANCO.

O Heraldo, em Saboia

Recebemos o seguinte comunicado:

Exmo. Senhor Director de «O Heraldo». Lendo no seu jornal, n.º 362 uma correspondência com a epígrafe «O Heraldo em Saboia», em que há referências a uma reclamação feita contra a minha pessoa, pela firma Magalhães Barros & Caleça Limitada de Portimão, acusando-me de pretender os pedidos do material para ela para satisfazer a outros posteriores, o que era injusto e assim reconhecidamente depois pela casa, que conhecendo o erro se limitou a escrever-me a carta que passo a transcrever: «Portimão, 11 de Janeiro de 1917. Senhor Chefe Oliveira Saboia—Amigo e Senhor. Acabo de ter conhecimento de que fui injusto para com V. Ex., acusando-o de pretender os nossos pedidos de material para cōpas enquanto outros posteriores eram satisfeitos. Dou a mão à palmatoria, pois ha poucos momentos soube que fui levado a acusá-lo por uma infame intriga. Desculpe-me V. S. pela falta involuntária, e faça desta carta o uso que entender. Com toda a estima: De V. Ex. etc. Magalhães Barros & Caleça.

Agradecendo a publicação, sou De V. At. Obg.—João José da Silva Oliveira, Chefe estação caminho de ferro de Saboia.

REMÉDIO FRANCÉS



Por esse Algarve

Albufeira

Tomou, ha dias posse do logar de oficial do registo civil o sr. dr. Filipe Ferreira Heuriques.

— Acusado de pedir votos nas últimas eleições de deputados, respondeu em Faro o sr. Pedro Rodrigues da Costa, fiscal de impostos deste conselho, sendo absolvido por unanimidade. A decisão do juri foi muita bem recebida.

C.

Boliqueime

Encontra-se ha dias nesta localidade uma companhia dramática sob a direção do sr. Armando Venancio.

Tem dado vários espectáculos com geral agrado. Hoje, domingo, sobre á cena o drama em 4 atos «O Filho da República» que será desempenhado pelos amadores António Guerreiro Cavaco, António Cavaco Teixeira, João Rodrigues Passos e Gil Costa. Espera-se grande concorrência.

Tem chovido torrencialmente nestes últimos dias, vedando-se os campos alagados. Desde quarta-feira o temporal tem causado prejuízos importantes.

Com muita felicidade, deu á luz uma soberba criação do sexo feminino a esposa do nosso amigo sr. João Rodrigues Passos.

Parabens:

C.

Estoi

Realisaram o seu enlace matrimonial na igreja paroquial desta freguesia os nubentes Joaquim Bechior dos Santos, proprietário, e sr. D. Maria da Encarnação Palermo Lopes, genitil e prenda senhora desta localidade.

O acto civil foi celebrado em casa da noiva

A MADEIRA, ESTAÇÃO ELEGANTE

OS GRANDES NOMES E AS GRANDES FORTUNAS

A propósito do bombardeamento do Funchal

Terra incomparável pelo clima e belezas naturais, a Madeira, desde do começo do século XIX, sobretudo, depois do desenvolvimento da navegação a vapor, serve de ponte de reunião de turistas, especialmente dos países do norte, cuja monotonia e agrestes invernos tão flagrantemente contrastam com natureza e paisagem madeirenses.

O que por ali tem passado de genios e cabotinos, de grandes figuras decorativas da aristocracia de sangue e de endioqueirados pluto-cratas—e quantas gerações ali se têm sucedido de viajantes por desastre e de pioneiros da ciência; de tuberculosos desesperançados e de imaginários doentes...

Na atmosfera, dum luminosidade inedita, como que adejam ainda subtils recordações de grandes vultos. E' Castilho passeando o irmão, irremediavel condenado; é Julio Diniz deambulando entre o bucolico arvoredo, do Monte, em quanto na vaga penumbra a mortal e os olhos estranhos invisíveis teoria das doces e fáufulas figurinhas «Morganinhos» e das «Pupilas» sorri melancolicamente ao genial criador; é António Nobre, soluçando as magras de Anto, nostálgico e desesperançado...

A princesa Amelia lá faleceu; a viúva do maladado e bom Maximiliano, imperador efêmero do Mexico, a imperatriz Isabel da Áustria, os príncipes de Oldenburgo, de Sajácia e de Ouchkoff, durante consecutivos invernos lá arrastaram as suas dores e as suas esperanças e espaireceram a saudade pelos umbrosos recessos das poéticas vilas do Lambert, da Vigia dos Ilheus e das velhas «quiutas», ainda palpitantes dos effusos dos grandes amores, dos vividos dramas que ali se desenrolaram.

Otros, antes que o snobismo e o reclame impunham Ostende, Nice e Côte de Azur, fôr a Madeira o obrigado «rendez-vous» elegante de opulentos e splendentes lords, cultivando desimportadamente a dissípadora tradição bioniana.

Não é muito variada a maneira de viver dos turistas e hiberuentes na Madeira.

As abastadas famílias, britânicas e americanas principalmente, alugam as numerosas «quiutas» quasi afogadas em arvoredo e flores, todas elas com o seu mirante coberto de trepadeiras como fantásticos açafrões floridos.

Os celibatários, esses preferem os sumptuosos hotéis estabelecidos nos pontos elevados ou sobre os rochedos sobranceiros ao mar.

Todas essas pequenas colônias migratórias tem, porém, como centros de reunião os campos de «teus» e, à noite, os mais dados à vida mundana, o casino da Quinta Pavão, em cujas iluminadas salas e surpreendentes miradouros, quantos incríveis duelos de «flirt», quantos idílios nascidos e logo feneceis ao som das melodias de Beethoven, Chopin e Grieg alternando com o murmurar das vagas no molhe da Pontinha e com o romurejar da folhagem das árvores que cobrem as sombras propícias as areias alvas—não tem adormecido em voluntários exules a recordação da pátria austral... E' extraordinaria a animação do Casino

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso, e completo em tecidos pretos e azuis para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Esposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Péles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saidas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da província.

Rodolfo Silva.

Lagos

Vai bravamente ser vendido pela comarca municipal deste concelho terreno do Rocio de S. João, junto a esta cidade, para edificação de predios para residencia, fábricas de conservas de peixe, parque e jardim.

A planta, que é um primor, foi tirada pelo distinto engenheiro industrial sr. João dos Santos Alves, de Lisboa. É um melhoramento de la muito esperado.

Em missão comercial, esteve nesta cidade o banqueiro inglês, sr. Alfie Rifiers.

C.

A ESTANTE DO «HERALDO»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BOLETIM DA PREVIDÊNCIA SOCIAL—Acabamos de receber esta importante publicação oficial do Ministério do Trabalho e Previdência Social, que vem preencher uma importante lacuna entre as publicações do seu gênero.

Para se ajuizar do alto valor e da grande utilidade desse semelhante publicação basta enumerar o respectivo sumário que é como se segue: Orientação do boletim—Parte I—Inquerito as associações de classe e os socorros mutuos—Distribuição das profissões de Portugal desde 1890 a 1911 (mapa e graficos)—A influência da guerra no custo de vida europeia (Julho de 1914 a Maio de 1915)—Mapa do preço dos gêneros—Congresso Nacional de Mutualidade—Relação das associações de socorros mutuos existentes em Portugal. Parte II—Legislação—Despachos e resoluções sobre pontos fundamentais de constituição de associações de classe e de socorros mutuos.

E' como se vê um livro excelente e custa apenas 20 centavos.

RESUMO E QUADROS DE BOTÂNICA DA 4.ª E 5.ª CLASSES DOS LICEUS, POR A. J. TEIXEIRA.

Editado pela Livraria Capela desta cidade recebemos este bem elaborado trabalho de estudos aluno do 7.º ano de licenciatura, sr. A. J. Teixeira, que muito recomendamos aos estudantes locais, pois trata-se de um excelente resumo que tem sido devidamente apreciado pelos competentes.

Custa apenas 20 centavos e está à venda da Livraria Capela.

NOTICIARIO

Vimos nesta cidade no dia 31, o nosso preso amigo sr. Humberto Pacheco, digno administrador do concelho de Loulé.

Partiu para Lisboa, afim de praticar na Escola de oficiais milicianos, o nosso amigo, sargento miliciano sr. Cristovão de Sousa Junior, inteligente amauense da administração deste concelho.

Na gare da estação compareceram a despedir-se muitos dos seus amigos de Almancil e Loulé.

Afim de frequentarem a escola de oficiais milicianos partiram para Lisboa os srs. Manuel Soeiro, Padinha, 2.º sargento miliciano e António Valério Carvalho 1.º cabo, do regimento de infantaria n.º 4.

Esteve em Tavira o sr. dr. João Batista Gómez, advogado e conselheiro da comarca Vila Nova de Portimão.

Pediu a sua demissão de ajudante do posto de registo civil de Santa Barbara de Nexe, o sr. Joaquim Henrique Guerreiro de Barros com a sr. D. Maria Jose Guerreiro Nunes, gentil filha da sr. D. Luisa Guerreiro.

Depois de um lento copo de água em casa da mãe da noiva, seguiram os noivos para Faro, onde fixaram residência.

As nossas felicitações.

Doentes:

As srs. D. Moralob Sequira, D. Ana Freire Pires D. Maria Reboleira Neves, dr. José Vaz Júdice Abeim e a menina Alice Guerreiro.

Faleceram em Loulé o casamento do sr. Francisco Guerreiro de Barros com a sr. D. Maria Jose Guerreiro Nunes, gentil filha da sr. D. Luisa Guerreiro.

Depois de um lento copo de água em casa da mãe da noiva, seguiram os noivos para Faro, onde fixaram residência.

As nossas felicitações.

Doentes:

Faleceram em Loulé o casamento do sr. Francisco Guerreiro de Barros com a sr. D. Maria Jose Guerreiro Nunes, gentil filha da sr. D. Luisa Guerreiro.

Faleceram em Faro; um filhinho do sr. Jaime Henrique Guerreiro de Barros; a sr. D. Maria Luisa da Paz Furtado. Em Quarteira, o sr. José Viegas Martins, antigo influente político e bastardo proprietário e em Loulé a sr. D. Ana do Carmo Correia da Mata.

Faleceram em Faro e sr. Octávio Augusto de Brito, alferes da infanteria 22, filho extremosissimo do sr. major de administração militar, João de Brito da Almeida.

Tinha-se casado ha pouco tempo.

O extinto, primo de nosso preso amigo sr. Humberto Pacheco, era geralmente estimado e considerado pelas suas excelentes qualidades e fazia parte da missão militar portuguesa.

A's famílias entulhadas os nossos pesames.

O sr. João Batista da Costa Cabral, 2.º escrivário de fazeenda da província da Guiné, foi, por doença, mandado desligar do serviço público.

Vão ter preferencia nos transportes em caminhos de ferro as remessas de gados.

Foi nomeado soldador das oficinas do Sul e Sueste o operário do quadro Mauro Almeida Junior e promovidos: a factor de primeira classe: Dimas Ribeiro Souza, à segunda classe: Manoel Libano de Sousa, e a terceira: António Padinha Raimundo.

Vai ser aumentado com mais um médico o numero de facultivos para o serviço da nova secção médica, dos caminhos de ferro do sul e sueste.

Em Abril do ano passado foi inaugurado na Escola Superior de Luígas Estradas de Toquio, um curso de lingua portuguesa.

Registamos com o maior prazer esta notícia por vermos assim figurar a nossa ilha num dos estabelecimentos de ensino mais reputados do Japão.

Foi já sufocada, por completo, a revolta dos indígenas na região do Zaire, a qual durou perto de um ano, tendo sido o genio castigado severamente.

O Diário do Governo publicou hontem a relação dos funcionários consulares de Portugal, em serviço nos respetivos postos, em 1 de Janeiro de 1917.

Os governadores de Moçambique e Cabo Verde comunicaram ao ministerio das colônias terem começado já a funcionar as escolas de pilotagem, nas respetivas capitâncias.

Parte em breve para Moçambique, onde vai servir nas companhias indígenas, o aspirante a oficial miliciano sr. Matias de Freitas, filho do correspondente do «Diário de Notícias» em Loulé.

Uma grande com

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada 80-2.

Telefone—n.º 695 telegramas—Boaminal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante metódico de OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que usamos afirmar, com certeza de desmentir, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% do consumo primitivo. Em motores de lubrificação automática, embora os fabricantes aconselhem a limpeza do motor depois de um determinado percurso não ha receio de gripagem fazendo só uma pausa depois de um percurso dobrado se aconselhado por esses fabricantes. Em motores cuja lubrificação é por

barbotage a economia não sendo tão sensível atingindo entre 30% e 40%.

Todos os resultados obtidos com o OILDAG são verificados em absoluto no fim de 1000 a 1500 quilômetros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e menor consumo de gasolina no fim de 100 quilômetros. A economia é que atinge por vezes 15% a 20% do consumo primitivo.

Experimentar o OILDAG é usar-o e todos os automobilistas se rego a seu próprio interesse, um pedido a título de experiência, que muito gostosamente satisfazemos.

VELAS "REFLEX"

Estas velas são, pela sua especial fabricação inflameis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo.

Elas próprias, e automaticamente se

limparam. As velas REFLEX temem sobre qualquer outra, dobrada existência São, por consequência, 50% mais baratas.

Cada 1200

AUTOMÓVEIS

STUDEBAKER

O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário.

Para 5 passageiros.

Todos com iluminação, bateria e miss-

on-marche eléctricas por dia.

Pneus Michelin o melhor

KLAXONS, VULCANIZADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS.

SEMPRE EM STK.

Thermoid

LIVRARIA DAS NOVIDADES

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Ex-empregado da Livraria Popular.

Livros em todos os gêneros, novos e usados.

Depósito das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra.

Faz as mesmas condições de revenda que as próprias casas Editoras.

LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

pelos preços de Lisboa

Todos os livros proprio

Instituição secundária—Escolas normais e liceus

Depósito de todas as publicações para os alunos destes cursos.

Ver o catálogo dos livros oficialmente aprovados que é remetido gratuitamente.

Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Rebeleto da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sena Freitas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel d'Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Cunha, Campos Junior, João Chagas, Julio Dantas, Malheiros Dias, Julio Diniz, Cândido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto de Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arnsco, Conde de Monsaraz, Mario Monteiro, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre António Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lúcio e Ataíde de Oliveira e dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emílio Zola, Gonçalves Doyale, Alexandre Dumas, Flammarion, La Fontaine, Maxim Gorki, Blasco Ibáñez, Paul Léon Kropotkin, Lamartine, Larousse, Sienkiewicz, Tolstoi, Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da

REDAÇÃO NASCENSA PORTUGUESA

Figurinos, jornais de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornais e romances nacionais e estrangeiros

Quem requisicione dirigir-se a esta livraria será rapidamente atendida. Todas as pessoas que desejarem alguma coisa de alguma casa editorial, devem mandar a sua importância em nome de correio. Se não houver na casa os livros que requisitem, pode-se imediatamente aos editores.

ALUGUER DE LIVROS

Todas as alugadoras deixam em depósito a importância do livro alugado. Quando o restituem deixam 20 centavos, o recobrando o restante da importância que depositaram.

Facam todos os pedidos ao livreiro

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência ao

ladrilho das Novidades, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 15

— De vez, sempre, de preferência à

FARO, Rua das Marinhas, 1